

VALLE-INCLÁN Y LAS ARTES

Margarita Santos Zas, Javier Serrano Alonso & Amparo de Juan Bolufer (eds.), Congreso Internacional, Santiago de Compostela, 25-28 de octubre de 2011. Santiago de Compostela: Univ. de Santiago de Compostela, Servizo de Publicacións e Intercambio Científico, 2012, 477 pp.

Carlos Pazos Justo*
carlospazos@ilch.uminho.pt

Valle-Inclán y las artes supõe, antes de mais, um novo passo no já extenso e produtivo percurso dos estudos *valleinclanianos* na Universidade de Santiago de Compostela (USC), desde que, em 1988, o projeto de investigação *La obra literaria de Valle-Inclán: estudios y ediciones*, com o Prof. Luis Iglesias Feijoo à frente, se constituiu como ponto de partida do “Grupo de Investigación Valle-Inclán” da USC (GIVIUS). Já sob a direção da Prof^a. Margarita Santos Zas, coeditora do volume em análise, a Universidade de Santiago conta, a partir de 2002, com a Cátedra Valle-Inclán. Os variados estudos e eventos em torno de Ramón del Valle-Inclán organizados por esta cátedra atingem visibilidade destacada não só no âmbito

dos próprios estudos *valleinclanianos* mas também nos estudos literários hispânicos em geral, como comprova o reconhecimento que a Biblioteca Virtual do Instituto Cervantes lhe dispensa.^[1] Da numerosa e variada produção científica assim como das diversas atividades levadas a cabo pela Cátedra Valle-Inclán e pelo próprio GIVIUS é exemplo a recente exposição *Outros verbos, novas lecturas: Valle-Inclán traducido [1906-1936]*, organizada em 2014 pelo Consello da Cultura Galega e comissariada por uma das integrantes do GIVIUS, a Prof^a. Rosario Mascato Rey, também autora de um dos trabalhos incluídos nestas atas.

Valle-Inclán y las artes supõe também, de outro ponto de vista,

* Departamento de Estudos Românicos, Universidade do Minho, Braga, Portugal..

1 [em linha] <http://www.cervantesvirtual.com/bib/portal/catedravalleinclin/>: apresentação Santos Zás

um esforço constante e salutar de atualizar os objetos de estudo e, sobretudo, os objetivos ou metodologias de análise. Com a perspectiva privilegiada de uma trajetória de investigação de vários lustros (não muito habitual nos estudos literários, em geral), os investigadores vinculados à Cátedra e ao mencionado grupo de pesquisa têm conseguido renovar os seus próprios estudos mostrando, e isto parece-me especialmente relevante, caminhos novos para, no mínimo, serem seguidos por outros grupos dedicados ao estudo de trajetórias individuais. Por outro lado, o labor realizado (e em curso, constame) com o intuito de *resgatar* e de pôr em evidência o espólio de Valle-Inclán, patente nas “Palabras de apertura...” de Santos Zas, não deixa de ser uma das linhas mais louváveis dos *valleinclanistas* compostelanos.

O volume em análise, fruto de um congresso realizado em 2011 na USC, aquando do 75º aniversário da morte do autor e do centenário da estreia de *Voces de Gesta*, reúne 25 trabalhos, 9 conferências e 17 comunicações, e mais um CD (no qual se incluem numerosas imagens, ilustrações, etc., vinculadas a Valle-Inclán); os trabalhos reunidos, nas palavras dos editores, são um “espejo de las relaciones del escritor y su obra con las artes, música, cine, pintura, artes gráficas y escé-

nicas, en el marco de las corrientes estéticas y el pensamiento estético de su tiempo” (p. 8). Dividido em três secções, “El arte y su representación en la obra de Valle-Inclán”, “Valle-Inclán y el Arte” e “La imagen de Valle-Inclán”, é notório o cuidado da edição, em sintonia com o assunto em análise.

Abre a primeira secção Darío Villanueva (USC, Real Academia Española), com “Valle-Inclán y el cine”, onde, através de incisivas incursões na origem do cinema, o autor em foco é considerado “imprescindible figura del *precinema*”, fazendo parte da “selecta nómina de escritores encuadrables en el Modernismo internacional que antes y mejor respondieron al nuevo horizonte de expectativas generado por los logros estéticos, a partir de los años veinte, del ya reconocido como ‘séptimo arte’” (p. 51). Segue-se o contributo de José Manuel González Herrán (USC), sob o título “Una adaptación cinematográfica de Valle-Inclán: *La cabeza del Bautista* (1967), de Manolo Revuelta”. Sem deixar de afirmar ser “ya un tópico repetir que la literatura de Valle-Inclán no ha tenido mucha fortuna en la pantalla, ni en cantidad ni en calidad” (p. 55), debruça-se sobre uma versão cinematográfica da produção *valleinclaniana* quase completamente desconhecida. Por seu turno, Antonio Gago

Rodó (Universidad Autónoma de Madrid), em “Resistencias de Valle-Inclán: *Hacer cine* con el teatro”, coloca a hipótese da filiação cinematográfica do *silencio* no repertório teatral de Valle-Inclán, para além de tratar outras questões. Juan José Prats Benavent (Instituto Superior de Enseñanzas Artísticas de la Comunidad Valenciana), com o trabalho intitulado “*Martes de Carnaval*, una adaptación a medio camino entre la televisión y el cine”, fecha esta primeira sequência que, no seu conjunto, trata do interesse de Valle-Inclán pelo cinema assim como, segundo os vários autores, da sua eventual ‘precocidade’, isto é: as marcas, questionáveis, em todo o caso, do cinema na sua obra e a sua fortuna cinematográfica.

Sob a epígrafe “Música y danza”, Carlos Villanueva (USC) aborda o “supuesto desinterés” de Valle-Inclán pela música, assim como analisa vários projetos musicais vinculados à produção do autor, nomeadamente a *Divinas Palabras*. A seguir, Dru Dougherty (University of California, Berkeley) põe em diálogo a produção de Valle-Inclán e o mito de Orfeu, destacando o sentido metaliterário presente em *Luces de Bohemia*, entre outros. O último trabalho deste grupo é de Bruce Swansey (Trinity College) com o críptico título “Terpsícore funamfulesca y sicalpítica: la musa cinética”.

Na parte que se refere às “Artes plásticas”, Jesús Rubio Jiménez (Universidad de Zaragoza) contextualiza detalhadamente o pensamento pictórico de Valle-Inclán relativamente aos pintores El Greco e Velázquez, afirmando que as “opiniones de Don Ramón pertenecen a los debates que salpicaban las páginas de la prensa al hilo de la celebración de efemérides y de la reflexión sobre la identidad española. Responden tanto a motivaciones estéticas como de orden político” (p. 149). A seguir, Francesca Crippa (Università Cattolica del Sacro Monte, Milão), em “Ideario estético y representación artística en la *Sonata de Primavera* de Ramón del Valle-Inclán”, consegue ultrapassar o elevado risco de paráfrase e mesmo de *inventio* ao estabelecer um necessário diálogo entre produtor e produção e os campos em foco. José Servera Baño (Universitat de les Illes Balears), em “Técnicas pictóricas en los poemas de la historia del crimen del Medinica en *La Pipa de Kif*”, vincula o texto elegido de Valle-Inclán ao conceito de ‘España negra’, associado a pintores como Ignacio Zuloaga ou, nomeadamente, José Gutiérrez Solana. A seguir, o estudo de Epicteto Díaz Navarro (Universidad Complutense de Madrid) aborda a descrição e a imagem em *Martes de carnaval* e *La corte de los milagros*.

Sob o rótulo “Artes escénicas”, Urszula Aszyk (Universidade de Varsóvia) explora a representação teatral da morte atendendo ao tratamento desta na pintura coetânea e de épocas imediatamente anteriores. César Oliva (Universidad de Murcia) trata da estética e do drama em *Retablo de la avaricia, la lujuria y la muerte* e, por seu turno, Juan Trouillhet Manso (Centro Complutense del Español, UCM), em “La belleza del horror en el teatro bárbaro de Valle-Inclán”, analisa a representação da *violência*, da *crueldade* e do *sinisto* como uma mostra de “radical oposición al realismo escénico dominante” e como reivindicação de “una vuelta a los orígenes del teatro (...) a una mayor ilusión escénica y a la exhibición de sus recursos más espectaculares” (p. 263). Para Pilar Veiga (Instituto Cervantes de Bucarest), em *Voces de gesta* destaca-se a presença da pintura nas didascálias. Antonio Espejo Trenas (Universitat de València), em “Arte de salón, marionetas y divertimento modernista en Ramón del Valle-Inclán. Noticia de un proyecto escénico pionero de 1903”, resgata um projeto “que anticipa su interés [de Valle-Inclán] por el mundo del guiñol” (p. 277). A seguir, Yoice Rodrigues Ferraz Infante (Universidade Federal de São Carlos) aborda a adaptação brasileira de Nehle Franke (1997) de *Divinas Palabras*, onde a *misteriosa*

e *periférica* Galiza se transforma no sertão brasileiro.

Na segunda secção, “Valle-Inclán y el Arte”, Elizabeth Drumm (Reed College, Portland, Oregon), no artigo intitulado “La estética del recuerdo en *La lámpara maravillosa*: el proceso de pensar el tiempo” e, saltando a ordem, Rosario Mascato Rey (GIVIUS), em “De la *Image mediatrice* al *Enigma del matiz*: el pensamiento estético valleinclaniano a la luz de la filosofía bergsoniana”, exploram, desde diferentes perspectivas, as presenças (e/ou coincidências) da obra de Henri Bergson na produção de Valle-Inclán. Em “Fundamentos quietistas en la poética de Valle-Inclán”, Guillermo Aguirre Martínez (Universidad Complutense de Madrid) entende Valle-Inclán como um produtor para quem a “estética (...) constituyó siempre un elemento válido y redentor para el poeta” (p. 328). A seguir, Luisa Castro Delgado (GIVIUS) aborda o retrato em Valle-Inclán, plástico e/ou literário, como configurado pela memória “en todas sus manifestaciones y facetas, de manera más radical y profunda que los postulados comúnmente aceptados por el género” (p. 341). Por sua vez, Jesús M^a Monge López (TIV-Universitat Autònoma de Barcelona) estabelece relações entre o *românico*, o *quietismo* e o *esperpento*. Conclui esta secção Carmen E. Vilchez Ruiz

(GIVIUS) que aborda, em sintonia com a cuidada edição do volume em análise, o tratamento artístico que Valle-Inclán dedicou aos seus livros, particularmente a *La Lámpara Maravillosa*.

Na terceira e última secção, intitulada “La imagen de Valle-Inclán”, Adolfo Sotelo Vázquez (Universitat de Barcelona) empreende uma incursão no relacionamento de Valle-Inclán com a Catalunha, nomeadamente com Barcelona, pondo em relevo as leituras que desde o emergente sistema literário catalão eram feitas de produtor e produção. A seguir, José Manuel B. López Vázquez (USC) põe o autor, sempre interessado na pintura, nomeadamente no retrato, em diálogo com as linhas de força dos retratistas espanhóis (Joaquín Sorolla, Ignacio Zuloaga e Fernando Álvarez Sotomayor). O volume encerra com um estudo de Sandra Domínguez Carreiro (GIVIUS) que se debruça sobre a evolução da cari-

catura partindo de uma análise das numerosas caricaturas de que Valle-Inclán foi alvo.

Em jeito de breves observações finais, anoto o seguinte: com intenção interrogativa, caberia problematizar a assumida (e manifesta) orientação *interdisciplinar* do volume em foco. Será possível trabalharmos interdisciplinariamente em literatura, por exemplo, ampliando os nossos *corpora* com elementos estranhos ao fenómeno literário mas sem o concurso decisivo e sistemático de especialistas de outras disciplinas? Cabe frisar, por último, que o conjunto dos estudos que foram nesta resenha brevemente comentados corresponde inequivocamente à premissa expressa no prólogo do volume: a da existência de um poliédrico Valle-Inclán cujos interesses e trabalhos longe de se restringirem ao fenómeno literário, passaram necessariamente também pelas *artes*.